

A TOPICALIZAÇÃO NA ESCRITA

Fernando Moreno da Silva - UNESP/FCLAr¹
fermosilva@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discutir o fenômeno da topicalização na sintaxe sob o ponto de vista funcional, que se preocupa em estudar a função da língua em seu contexto de uso, ou seja, a comunicação efetiva. O texto começa abordando as funções pragmáticas de tópico e foco, valendo-se da terminologia de Simon Dik e de exemplos com base na metáfora do catálogo. Depois da abordagem geral das funções pragmáticas, o texto se concentra no “tópico”, abordando o fenômeno da topicalização (deslocamento de um sintagma de sua posição normal na frase para o início dela) com base nos estudos de Eunice Pontes, apresentando a classificação da autora dos quatro tipos de construções de tópico: Topicalização, Deslocamento à Esquerda, Tópico-anacoluto, Tópico-sujeito. Pelos exemplos, o texto comprova que o fenômeno da topicalização, embora atribuída à modalidade oral, também pode ser encontrado na escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Topicalização. Tópico. Foco.

1. O funcionalismo

A postura funcionalista na língua interessa-se em estudar “como o usuário opera a língua”, como ocorre a comunicação por meio das expressões linguísticas. Estuda, portanto, também a competência comunicativa.

Com isso, a visão funcionalista preocupa-se não só com as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas, mas também com as regras pragmáticas (os interesses que governam a interação verbal). Enfim, com o sistema e o uso da língua. Por isso, inclui a pragmática em seus trabalhos. A pragmática se preocupa com a comunicação efetiva, ou seja, trata da língua na sua relação com os usuários, da adaptação das expressões às situações em que são enunciados, enfim, estuda como a língua é usada na comunicação diária.

2. As funções pragmáticas

Dik (1980) determina três níveis de função na descrição das expressões linguísticas:

1. Funções Semânticas: agente, paciente, receptivo, etc.;
2. Funções Sintáticas: sujeito, objeto, complemento nominal, etc.;
3. Funções Pragmáticas: tópico e foco.

De acordo com Neves (1997, p. 95), “funções pragmáticas são funções que especificam o estatuto informacional dos constituintes em relação à situação comunicativa em que eles são usados”.

¹ Pós-doutorando em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP/FCLAr). E-mail: fermosilva@yahoo.com.br

Em geral, toda expressão linguística contém informações velhas (o dado) e informações novas (o novo). Lembrando que essa avaliação, entre o que seja dado e o que seja novo, é feita pelo falante-emissor. Por isso, pode haver algum problema no processo comunicativo, pelo fato de o falante julgar que o destinatário já possuía um conhecimento implícito quando na verdade ele não tinha. Assim, é o ponto de vista do falante sobre as informações que vai organizar as expressões. As noções de tópico e de foco equivalem parcialmente ao dado e ao novo, respectivamente.

Assim, teremos:

- a) tópico: caracteriza as coisas de que falamos;
- b) foco: caracteriza as partes mais importantes do que dizemos em relação ao tópico.

Os estudos para identificar e determinar a posição de tais funções na estrutura da frase e o seu papel na interpretação dos enunciados têm ocupado muitos investigadores. Mas tais investigações estão longe de serem consensuais, pois a questão das funções pragmáticas sofre uma clivagem terminológica, sendo abrangente e também distinta de autor para autor: dado e novo; tema e rema; tópico e foco; tópico e comentário. Cada perspectiva linguística analisa sob um viés específico. E mesmo dentro de uma mesma perspectiva, como no funcionalismo, há divergências, conforme ressalta Neves (1997) a respeito da existência de “funcionalismos”.

Para Dubois *et al* (1993, p. 590), tópico é o mesmo que tema:

Numa frase assertiva, chama-se tema o constituinte imediato (sintagma nominal) a respeito do qual se diz alguma coisa (predicado): o tema pode ser ou não sujeito da frase. Por exemplo: O livro e Pedro são temas das frases seguintes: *O livro está na mesa* e *Foi Pedro que eu vi ontem*. (DUBOIS *et al*, 1993, p. 581)

Nesse artigo, vamos adotar a terminologia de Simon Dik (1980), que usa o par “tópico-foco”. Apesar das especificidades que cada autor emprega no seu par dicotômico, podemos dizer em linhas gerais que as funções pragmáticas “tópicos” e “foco” equivalem aos pares dado e novo, tema e rema, tópico e comentário. Devemos ressaltar também que as funções pragmáticas não têm relação alguma com as sintáticas. Com isso, o par “tópico” e “foco” não corresponde, embora em diversas ocorrências ocupe as mesmas posições, à estrutura sujeito e predicado.

Muitas investigações sobre tais funções procuram determinar não só o seu papel na forma como as diversas línguas organizam gramaticalmente a distribuição da informação na frase, mas também o seu papel na interpretação do discurso.

Uma mesma mensagem pode levar a diferentes sentidos, conforme a entonação ou a ordem dos constituintes. Veja os exemplos dados por Neves (1997, p. 94):

- (1) Aquele fazendeiro matou o patinho
- (2) Aquele fazendeiro matou o paTINH²
- (3) Aquele fazendeiro maTOU o patinho
- (4) AQUEle fazendeiro matou o patinho
- (5) Aquele fazenDEIro matou o patinho
- (6) O paTINH²o aquele fazendeiro matou

² Letras maiúsculas representam a ênfase dada pela entonação.

Tais expressões não são semelhantes, pois cada qual tem sua especificidade numa determinada situação de comunicação. As sentenças (2) e (6), por exemplo, não seriam convenientes diante da pergunta “quem matou o patinho?”. A melhor resposta seria a sentença (5). Assim, cada elemento terá uma função pragmática conforme a situação.

3. Ilustração em torno da articulação tópico-foco

Para ilustrar melhor o dinamismo discursivo associado às ideias de tópico e foco, utilizaremos a metáfora do catálogo, introduzida por Tanya Reinhart (1981) e usada por Irene Heim (1982) na teoria da *file change semantics*.

(7) O Arnaldo é médico.

Podemos comparar o conhecimento dos falantes a um catálogo de uma biblioteca. Tal catálogo pode ser atualizado (i) pela adição de novas fichas (novos itens) ou (ii) pela adição de nova informação às fichas existentes (especificações dos itens existentes).

O enunciado (7) permite, para construção do sentido, que o destinatário da mensagem selecione do seu catálogo a ficha correspondente à entidade “Arnaldo” e nela especifique que “é médico”.

Dessa forma, a atualização desse enunciado ocorre em duas fases: na primeira, é selecionada a informação partilhada pelos participantes do ato comunicativo; na segunda fase, é introduzida no contexto uma informação nova, ou seja, a especificação relativa à informação anteriormente selecionada. Identificando as funções, “Arnaldo” seria o tópico; “médico” seria o foco.

4. A identificação do tópico

Para a determinação do tópico da frase podemos utilizar o teste proposto por Reinhart (1981) em que, no diálogo abaixo, o tópico é representado pela expressão que corresponde à variável x.

Fala-me de x.

x é médico (x = Arnaldo=Tópico)

5. A identificação do foco

A informação relevante deve ser marcada na frase. Os meios de marcação variam de língua para língua, mas em português há dois meios principais:

- o realce prosódico (acento tonal)
- a ordem de palavras

Para comprovar isso, retomemos o enunciado (7):

(7) O Arnaldo é médico.

Caso o ouvinte não tenha ouvido com nitidez, ele fará a pergunta:

(8) Quem é médico?

O ouvinte partilha com o emissor a informação de que alguém é médico, mas não sabe quem. A resposta à pergunta (8) terá de marcar a informação relevante para o ouvinte:

- (9) (O) ARNALDO!
(10) Médico é o ARNALDO.

Como já tradicional, assinalamos o elemento focalizado com maiúsculas. Em (9), o foco é marcado pela entoação. Em (10), foi alterada a ordem de palavras para que o foco ocorra em último lugar, que é, na ordem básica, o lugar da informação nova. O foco tende a ocorrer na posição de: predicativo do sujeito (predicado nominal); objeto (complemento verbal); ou na posição de sujeito em oração intransitiva.

Analisemos com mais detalhes esses dois tipos de marcação do foco: realce prosódico e ordem de palavras. Da mesma forma que para identificar o tópico foi usado um teste, para determinar o foco usa-se o par pergunta-resposta, como no exemplo abaixo:

- (11) O Arnaldo é médico do Ariovaldo.

6. Marcação pela prosódia

O Arnaldo é o quê?
(O Arnaldo) é MÉDICO DO ARIOVALDO.

O Arnaldo é o que do Ariovaldo?
(O Arnaldo) é MÉDICO (do Ariovaldo)

Como podemos perceber, o foco é um elemento do comentário, já que o realce prosódico recai sobre a expressão “médico”.

7. Marcação pela ordem das palavras

Quem é médico do Ariovaldo?
Resposta 1: Médico do Ariovaldo é o ARNALDO.
Resposta 2: É o ARNALDO.
Resposta 3: ARNALDO.

Nas três respostas acima, há a comprovação de que o foco ocorre em último lugar na sentença.

8. O fenômeno da topicalização

Dada essa introdução geral nas funções pragmáticas, vamos focar (para usar uma nomenclatura pragmática) nossa atenção no fenômeno do tópico nos estudos de sintaxe.

Usa-se o termo topicalização em sintaxe para indicar o deslocamento de um sintagma de sua posição normal na frase para o início dela. É conhecida tradicionalmente por inversão. Quando certos constituintes de uma oração (sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal, complemento nominal ou adjunto adverbial) aparecem deslocados para a esquerda da frase.

Dubois *et al* (1993, p. 590) define topicalização como “uma operação linguística que consiste em fazer de um constituinte da frase o ‘tópico’, isto é, o tema, de que o resto da frase será o comentário”.

A estrutura tradicional, de acordo com a gramática tradicional, seria sujeito-verbo-objeto (SVO): “Ricardo comprou um lindo carro”. Com a topicalização, essa ordem sofre alteração: “Um lindo carro Ricardo comprou” (OSV)

Embora essas inversões sejam um fato comum na língua, seu estudo passou a se desenvolver recentemente na linguística. A linguística funcional denomina o fenômeno de Construções de Tópico (CTs). Na língua portuguesa, as primeiras investigações foram desenvolvidas a partir do trabalho pioneiro de Eunice Pontes (1987), referência nos estudos de tópicos no português do Brasil. Investigando o português oral, a autora, com uma compilação de trabalhos desenvolvidos entre 1980 e 1982, abriu caminho para diversos trabalhos tanto teóricos quanto empíricos na área.

Para Pontes (1987), as construções mais frequentes de tópicos são aquelas em que ocorre ou não uma pausa após o tópico, como as do tipo:

- (12) O carro, ele está na oficina mecânica.
- (13) Eu, eu não irei ao cinema esta semana.
- (14) O seu namorado, eu vi ele ontem.

A autora afirma que, na língua portuguesa, não há restrições a um tipo de oração, podendo qualquer sintagma nominal (SN) ser tópico, correspondendo a diferentes funções sintáticas:

Sujeito: Minha professora, ela é ótima no que faz.

Objeto Direto: A gramática nova, Maria comprou.

Objeto Indireto: De muita paciência nós precisamos.

Adjunto Adnominal: Dois papagaios falantes, meu vizinho comprou.

Complemento Nominal: De que tudo se resolva, tenho confiança.

Adjunto Adverbial: Qualquer elemento você pode fazer isso. (com...)

Predicativo ou sujeito: Banana ouro – é a única banana que eu gosto.

Para Pontes (1987), com base na tipologia proposta por Li e Thompson (1976), as línguas são divididas em quatro tipos:

- a) Línguas com proeminência de sujeito, em que a estrutura das sentenças é bem mais descrita como de sujeito-predicado;
- b) Línguas com proeminência de tópico, em que a estrutura das Ss é bem mais descrita como de tópico-comentário;
- c) Línguas com proeminência de tópico e sujeito, em que há duas construções diferentes;
- d) Línguas com proeminência de sujeito ou tópico, em que o sujeito e o tópico se mesclaram e não se distinguem mais os dois tipos.

Pontes (1987) apresenta também as características que são típicas das línguas de tópico:

- a) A construção passiva é marginal – ou não existe, ou é rara na fala;
- b) Sujeitos vazios – não são encontrados nas línguas de tópico, não há sujeito em frases existenciais impessoais, ou que se refiram a fenômenos atmosféricos;

- c) “Duplo sujeito” – construções típicas das línguas de tópico, os mais claros casos de estrutura de tópico-comentário;
- d) Controle de correferência – em uma língua de tópico, é o tópico e não o sujeito que controla a correferência;
- e) Restrições sobre o constituinte tópico – qualquer elemento da sentença pode ser tópico;
- f) Sentenças básicas – as sentenças de tópico não devem ser consideradas transformações de outros tipos mais básicos de sentenças, mas elas mesmas são sentenças básicas, não é possível derivá-las de outras.

Embora tenha sido muito tempo classificado como uma língua com proeminência de sujeito, a autora conclui que o português, possuindo a maioria das características das línguas de tópico, pode ser considerado também com proeminência de tópico, já que apresenta muita ocorrência de tópico, sobretudo na modalidade oral.

Para se referir a uma garota do colégio, um estudante diz:

(15) A aluna mais nova, Simone, eu vi hoje na praça. Estava muito bonita. Realmente ela é um show.

O fenômeno da topicalização é muito comum na língua oral. O falante tende a antecipar o assunto a ser tratado, ou qualquer termo na sentença, quando quer dar ênfase. É uma forma de o falante destacar ao ouvinte o assunto ao qual se refere, fazendo um pré-anúncio daquilo que vai proferir na sequência. Assim, a ordem seria: primeiro, tópico; depois, comentário. Na língua falada, portanto, é muito comum o tópico iniciar a oração quando o falante quer destacar algum termo.

Embora seja comum na língua oral, podemos encontrar o fenômeno da topicalização na língua escrita. Além das várias ocorrências, inclusive nos textos de escritores consagrados, seu uso é evidenciado quando se trata nos estudos de redação do item “tópico frasal”,

Expressão utilizada por Othon M. Garcia (1988) como tradução do inglês *topic sentence*, “tópico frasal” indica os termos iniciais que contêm a ideia-núcleo do parágrafo, funcionando como um recurso para estruturar o parágrafo, pois já de início expõe a ideia que se quer passar, reforçada pelos períodos subsequentes. O autor diz que, embora haja outras formas de se construir parágrafo, a maioria (mais de 60%) é assim estruturada, de acordo com suas pesquisas. Colocando no início a ideia-núcleo, fica mais fácil garantir a coerência do parágrafo. Vejamos abaixo um exemplo, em que a ideia central é apresentada logo no início, em negrito:

“Em 1986, os veículos a álcool chegaram a representar 98% da linha de produção. Os veículos a gasolina só eram disponíveis por encomenda. Devido a medidas na área financeira, a produção de carros a álcool hoje mal chega a 1% da frota nova. Os que restam a álcool estarão em uso por curto tempo. O programa foi exterminado”. (BAUTISTA VIDAL, 2000, p. 16.)

Apesar de o fenômeno da topicalização ser comum tanto na língua oral quanto na língua escrita, muitas vezes ele é rejeitado pela gramática normativa, por alterar a estrutura tradicional Sujeito-Verbo- Objeto (SVO). Essa recusa ocorre sobretudo nas produções da escrita culta. As Construções de Tópico (CT's) recebem da gramática tradicional diferentes designações segundo os distintos gramáticos. Mas, em geral, são classificadas como recursos de estilo ou como vícios de linguagem: anacoluto, pleonasma e inversões.

a) Anacoluto: quebra da estrutura sintática da oração.

(16) **Eu**, que era branca e linda, eis-me medonha e escura.

(17) **Quem quer que diga mal de D. Henrique**, eu me matarei **com ele**.

b) Pleonasma: redundância ou repetição. Pela teoria linguística, é denominado como deslocamento à esquerda.

(18) **O sangue** levava-**o** derramado pelo vestido.

(19) Um cavaleiro d'estranho aspecto era o que assim corria... **Lança** não **a** trazia.

Também se refere ao sujeito pleonástico (deslocamento à esquerda de sujeito):

(20) Mas **as coisas findas**, muito mais que lindas, **essas** ficarão.

Embora a gramática considere a topicalização como um desvio da norma, seu uso na escrita revela a incorporação das propriedades da língua falada no texto.

Como podemos perceber, o tópico pode ser compreendido como um sintagma nominal anterior, externo à sentença, normalmente já ativado no contexto discursivo, sobre o qual se faz uma proposição por meio de uma sentença-comentário, conforme evidencia a sentença, podendo ser retomado por um anafórico, havendo ou não pausa após o constituinte topicalizado.

Com isso, as Construções de Tópicos constituem estruturas que podem ser analisadas sob dois aspectos: o sintático e o discursivo.

Sob o ponto de vista sintático, essa estrutura é formada por um sintagma nominal acompanhada de uma sentença-comentário, diferenciando-se, assim, da estrutura sintática defendida pela gramática normativa, que é a de sujeito-predicado.

O tópico também pode ser estudado sob o aspecto discursivo. Pontes (1987) chama a atenção para o fato de haver a impossibilidade, muitas vezes, de se tentar explicar um tópico por topicalização, ou seja, por uma regra de movimento, ficando patente que as CTs têm de ser interpretadas no contexto do discurso ou da situação, porque em geral ocorre por razões de natureza externa. Com isso, além dos fatores gramaticais e semânticos, as CTs seriam motivadas também por fatores discursivos.

O estudo do tópico, portanto, ultrapassa os limites da análise sintática para chegar ao nível discursivo. Daí a razão pela qual é um tema trabalhado pela linguística funcional, muito mais abrangente e pragmática que a abordagem formal.

O uso do tópico apresenta um aspecto positivo. É uma forma de se garantir a atenção do interlocutor para o tema sobre o qual se fala, pois se inverte a ordem da frase ou do período para pôr desde logo à vista uma ideia interessante, sobre a qual queremos que se fixe a atenção do ouvinte. Esse mesmo termo deslocado, se colocado no meio da oração, talvez ficasse despercebido. Mas colocado no início da sentença, chama mais a atenção pelo maior destaque.

9. Classificação das construções de tópicos

Tradicionalmente, as CTs são divididas em quatro tipos (PONTES, 1987):

1. TOP (Topicalização)

Também chamado de inversão. Quando os complementos verbais (direto e indireto) são deslocados para o início da oração, invertendo a ordem canônica SVO (Sujeito-Verbo-Objeto).

(21) **Dessa cerveja** eu não bebo.

(22) **A roupa** a escola faz.

O termo topicalizado não é retomado na sentença-comentário. O enunciado se caracteriza pela existência de uma categoria vazia no interior do comentário, que poderia ser preenchida pelo tópico externo à sentença.

(23) **Aquilo** a Marinha ergueu ___ com um sacrifício brutal.

(24) **O campo de futebol profissional** a dimensão ___ é de cento e dez metros.

2. DE (Deslocamento à Esquerda)

Tradicionalmente chamado de pleonasma ou inversão. Nesse caso, verifica-se a retomada do elemento inicial na sentença-comentário. Utilização do duplo sujeito:

(25) **Os livros**, eles estão em cima da mesa.

(26) **Meu sogro coitado** ele já fez tanta coisa na vida

(27) **O avô do meu marido** ele é italiano.

Houve um deslocamento à esquerda do sujeito das orações, com retomada do termo topicalizado na sentença-comentário na forma dos pronomes eles e ele. Poderia ser outro pronome:

(28) **Você** eu te pego.

3. Anacoluto (ou Tópico-anacoluto)

Não há vínculo sintático entre tópico e comentário. É o caso referido pela gramática tradicional como anacoluto e por Li & Thompson (1976) como “duplo sujeito”. Não se verifica nem a topicalização nem o deslocamento de nenhum elemento.

(29) **Eu** agora, cabô desculpa de concurso, né?

(30) E **esse menino**, a gente mexia com os outros no ônibus, às vezes os outros passava, a gente mexia, a gente ria.

Como podemos ver, a relação é puramente semântica, exigindo o contexto para que se interprete adequadamente. O tópico nessas construções cumpre o papel de um verdadeiro pré-anúncio. Anuncia-se o tópico para depois fazer um comentário na sentença completa.

(31) **Doce** eu gosto de gelatina, gosto de pudim...

O comentário é feito por meio de uma sentença completa, com sujeito e predicado. A relação entre o comentário e o tópico é puramente semântica. Não houve deslocamento, isto é, o elemento da sentença-comentário não foi topicalizado.

4. Tópico-sujeito (Tsuj.)

Nesse tipo de CT, a estrutura tópico-comentário se confunde com a ordem canônica SVO da gramática. Em alguns enunciados, o tópico aparenta ser o sujeito gramatical.

- (32) **Essa casa** bate bastante sol.
- (33) ... e **a carne seca** já deu uma fervura, já tirou aquela gordura...
- (34) **Aquilo** venta, chove.
- (35) **A Tijuca** já tem bastante prédio.
- (36) **A Belina** deita o banco, sabe?
- (37) **Esse carro** cabe 60 l. de gasolina.

Pontes (1987) diz que essas frases trazem um problema interessante. Como o tópico está na posição de sujeito (início da oração), e o sujeito gramatical está posposto na posição de objeto (complemento do verbo), a ordem da frase aparenta estar na estrutura tradicional SVO. Até a concordância passa a ser feita com o tópico-sujeito. Por isso, muitas vezes reside sobre essa estrutura uma dificuldade de classificação: SVO ou tópico-comentário.

Para ajudar a esclarecer essa confusão, Pontes (1987) elenca as distinções:

- a) Definição – o tópico é sempre definido, enquanto o sujeito pode ser indefinido;
- b) Relações seletivas – o tópico não precisa ter relações seletivas com o verbo, o sujeito sim;
- c) O verbo determina o sujeito, mas não o tópico – o tópico não depende do verbo, sua seleção se dá independentemente do verbo;
- d) Papel funcional – ele é o centro da atenção, ele anuncia o tema do discurso;
- e) Concordância verbal – concordância de verbo com tópico é rara;
- f) Posição inicial na sentença – a posição inicial de tópico está ligada à sua função no discurso: se ele anuncia o tema do discurso, é natural que ele venha primeiro;
- g) Processos gramaticais – o tópico, como é independente da sentença, não governa processos sintáticos como reflexivização, passivização, etc.

Num estudo investigativo sobre quais CT mais predominam no português, Vasco (1999) constatou que sobressaem TOPs de objeto direto e DEs de sujeito:

a) TOPs de objeto direto

- (38) ... **o fundamental** eu tinha ___ pra passar...

b) DEs de sujeito

- (39) ... **a escola técnica ela** dava formação técnica muito boa...

Para explicar a ocorrência de TOPs de objeto direto, o autor diz que tais estruturas estão inseridas num sistema que rejeita o emprego de pronomes clíticos. Para a ocorrência de DE de sujeitos, por sua vez, ressalta que em diversas situações o tópico é retomado por pronome pessoal.

Num estudo comparativo entre o PB (português brasileiro) e o PE (português europeu), Vasco (1999) revela ainda que no PB sobressaem as construções tópicas de DEs de sujeito e de TOPs de objeto direto e no português europeu destacam-se as TOPs de sujeito e os DEs de objeto direto

Embora, é claro, a ordem canônica da frase (SVO) predomine no português, o estudo de Vasco (1999) serviu para apontar uma tendência forte para o uso das CTs.

Considerações finais

O fenômeno da topicalização, inserido na corrente funcionalista, contrapondo-se à tendência formalista ou estrutural de Saussure, enriquece os estudos da linguagem por se voltar mais ao aspecto concreto da língua, ou seja, a fala.

As funções pragmáticas, e mais especificamente as Construções de Tópico (nomenclatura funcionalista), ajudam a entender o funcionamento da linguagem, valendo-se de considerações extralinguísticas.

Referências

BAUTISTA VIDAL, José Walter. *Brasil, civilização suicida*. Brasília: Nação do Sol, 2000.

DIK, Simon. *Studies in Functional Grammar*. London: Academic Press, 1980.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de linguística*. Trad. de Frederico Pessoa de Barros *et al.* São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

HEIM, Irene Roswitha. *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*, PhD Thesis, University of Massachusetts, Amherst, 1982.

LI, Charles N. & THOMPSON, Sandra A. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, Charles N. (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press Inc., 1976.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

REINHART, Tanya. Pragmatics and linguistics: an analysis of sentence topics. *Philosophica*, vol. 27, n. 1. Special Issue on Pragmatic Theory, Bloomington, Indiana, 1981, 53-94. Distributed also by Indiana University Linguistics Club.

VASCO, Sérgio Leitão. *Construções de tópico no Português: as falas brasileira e portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.